

**DENTRO DO TEXTO E DA VIDA:
ESTUDO DE POEMAS DE ADÉLIA PRADO
E CORA CORALINA EM PERSPECTIVA PEDAGÓGICA**

Juliana Cabral (UCB)
Rafael Ramiro Costa (UCB)
Marcelo Santos (UCB)
m.santos1977@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho é produto de pesquisa em andamento na Universidade Castelo Branco, em Realengo, sobre a utilização da poesia como instrumento didático. Nossa ênfase, nesse estágio da pesquisa, está em retomar os conceitos mais teóricos em torno do poético, há muito dissociado da prática pedagógica, e rearticulá-los em metodologias que especificam o tratamento da poesia nas escolas. Compreendemos que a formação teórica acadêmica é fundamental na escolha de poemas e na estratégia de construir leitores de poesia. Além disso, acreditamos que a poesia, como gênero textual pleno de especificidades, não pode ser visto como um entre outros gêneros textuais, mas cumprindo, como todos os outros, um papel bastante singular na formação do aluno. Para tal, apresentamos aqui uma possibilidade de ler poemas de poetisas brasileiras que dialogam com a herança cultural brasileira, mas que, ao mesmo tempo, reatualizam a tradição e provocam a proximidade com o leitor e com os possíveis contextos em que eles se insiram, sendo exemplares na introdução do leitor ao mundo da poesia e à tradição poética literária brasileira.

2. Do modernismo de Drummond à contemporaneidade de Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

Assim inicia o poema “Com licença poética”, de Adélia Prado, fazendo referência ao “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, aqui colocado em tensão pela poetisa, ao demonstrar em con-

traponto uma figura feminina apresentada de forma corajosa e única. Ao contrário de Adélia Prado, que em sua “face” nos mostra uma mulher que não precisa adotar a embriaguez e é sensata ao entender os problemas do mundo, sempre apresentando aspectos líricos, o poeta Drummond se desintegra ou, como propriamente se autodesigna, se retorce em faces múltiplas.

A partir dessa pequena análise do que tratam esses dois escritores, juntamente com destaque às suas intertextualidades, apresenta-se a possibilidade de construir uma leitura competente por parte dos alunos, observando o que diz os PCN de Língua portuguesa para o ensino médio:

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (p. 70)

E é nessa perspectiva que destacamos a importância de sistematizar a leitura de um gênero literário específico como a poesia, para que os alunos entendam como ocorre uma leitura reflexiva e orientada criativamente, além da intertextualidade referida, observando pontos característicos dos dois poemas, sem se pautar unicamente em sua forma gramatical, mas, sim, levando a poesia a seu entendimento específico na relação com a herança cultural e com a atualização viva de significações. Por isso, a partir dessa afirmativa, destacamos a colocação de Tristan Tzara (*apud* COSTA LIMA, 1981): “a poesia não é apenas um produto escrito, uma sucessão de imagens e sons, mas uma *maneira de viver*.” (p. 309). Logo, entendemos que estudar e ensinar poesia de maneira eficaz faz com que os alunos consigam se identificar e sentir o poema para além de sua realização linguística. Isso porque a leitura poética deve ser sensibilizadora e causar um efeito, já que cada interpretação alia vivência e história. E é justamente dentro desse parâmetro que destacamos a noção pedagógica a ser explorada nas aulas de língua portuguesa e literatura como algo importante, pois poesias bem trabalhadas geram reflexão, criatividade, além de incentivar a criatividade linguística. Destacamos, para reflexão, um pequeno trecho de Marisa Lajolo (1998) em “Poesia: uma frágil vítima da escola”, onde se pode perceber a necessidade de um trabalho bem consciente no que se refere à poesia.

O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruce sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o

texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz. (LAJOLO, 1998, p. 50)

Ainda sobre a importância da leitura de poesia como condição de interpretação do mundo, o crítico e filósofo Theodor Adorno (2003) aponta na leitura crítica e reflexiva a captação das minúsculas ações do cotidiano, a poesia da vida, que não pode mais ser negligenciada na análise social. E é justamente nesse quadro poético que podemos perceber o poema de Adélia Prado, não em um sentido simplista e corriqueiro de vida, mas sim a vida de uma mulher desdobrável e que consegue fazer de sua vida uma obra, um poema, uma história, fazendo com que não só as mulheres se enxerguem na autora, mas todos aqueles de condição e vida humanas. Cada leitura passa por um filtro, em que o leitor receberá as palavras de maneiras diferenciadas. Logo, não destacamos aqui as intenções do autor, mas sim a forma como cada leitor as recebe e se coloca à frente de suas próprias interpretações, isto é, quanto mais individual e filtrada a obra se apresenta, mais universal ela se mostrará a cada leitor. Por isso, podemos destacar um trecho de Adorno afirmando que:

(...) a linguagem se molda inteiramente aos impulsos subjetivos: um pouco mais, e se poderá chegar a pensar que somente ela os faz amadurecer. Mas ela continua sendo, por outro lado, o meio dos conceitos, algo que estabelece uma inelutável referência ao universal e à sociedade. (ADORNO, 2033, p. 74)

No que se refere à intertextualidade, ponto iminente entre as duas poesias, observamos o dialogismo lírico, em que Adélia estabelece relações com o texto de Drummond, nas quais podemos observar as convergências e divergências de sentido. Por isso, não podemos designar a obra de Adélia Prado como uma mera intertextualidade com Drummond, pois a escritora busca em seu poema, além de dialogar com outro texto, preservar a sua singularidade, com o seu ritmo e sua cadência. Por isso, quando destacamos essa intertextualidade para o leitor-aluno, percebermos que, dentro de nossa metodologia, ela é necessária para o aluno perceber e construir os desvios e diferenças, colocando-se como leitor-cúmplice do diálogo, em vez de reduzir a intertextualidade a esquemas classificatórios e reconhecimentos sem consequência. Nessa perspectiva, consideramos o que afirma o crítico Stanley Fish: “A interpretação não é a arte de entender (*construing*), mas sim a arte de construir (*construc-ting*). Os intérpretes não decodificam poemas: eles os fazem” (FISH, 1993, p. 159).

Na distância entre o “eu retorcido” e a “mulher desdobrável” não está apenas a referência, o intertexto, *mas a diferença, o para além do texto*, a construção de significado na colocação de pensamentos divergen-

tes, mas que ao mesmo tempo se completam dando enfoque ao ser humano como um todo, desdobrável nesse leitor atual que situa a linguagem, a arte na sua história pessoal, aquilo a que podemos chamar de contemporaneidade da leitura.

3. *Pensando em poesia*

Meus filhos plantarão o trigo e o milho, e serão padeiros.
Terão moinhos e serrarias e panificadoras.
Deixarei no mundo uma vasta descendência de homens
e mulheres, ligados profundamente
ao trabalho e à terra que os ensinarei a amar.

Pouco conhecido, o poema “Eu voltarei” traz na sua essência as marcas da escritora: o cotidiano, pessoas com vontades simples, paisagens antigas. Ela afirma em todos os momentos o amor pelas coisas simples da terra. O eu lírico e a terra parecem ser unos e, com isso, tudo é motivo para exaltação: árvores, pessoas com cotidianos simples, formigas...

A oralidade, outro aspecto presente nas obras de Cora, pode ser vista através do ritmo, além do uso de uma linguagem coloquial que faz a poesia fluir com versos despreziosos. Mesmo desassociada de uma corrente estética, é possível encontrar aspectos dos modernistas, que prosseguiram com os poetas pós-modernos: a diluição de delimitação de gêneros, principalmente sobre a discussão entre prosa e poesia. Seus poemas trazem versos livres, suas estrofes são heterogêneas, e sua poesia assume um tom prosaico, estabelecendo uma conversa com o leitor. Cora transfigura o prosaico, o cotidiano em poesia que se aproxima da oralidade. Nesse intuito, percebemos o caráter de abertura que o texto poético pode trazer para a valorização da oralidade. O ensino da oralidade é de fundamental importância, conforme os PCN para língua portuguesa ressaltam:

Ensinar língua oral deve significar para a escola a possibilidade de dar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. “Ensinar linguagem oral” não significa trabalhar a capacidade de falar, pois este já é domínio pleno do discente, mas significa auxiliar o desenvolver do domínio dos tipos discursivos que vão apoiar a aprendizagem escolar de língua portuguesa e de outras áreas e, por conseguinte serão aplicados na vida social no sentido mais amplo do termo (PCN, 1998, p. 67).

Em “Eu voltarei”, o eu lírico é o mesmo que conta a história de um típico casal interiorano, que planeja ter uma vida farta, pacata, consciente e bastante fecunda. Durante toda leitura da poesia é possível perceber esta mulher interiorana conversando com o leitor, um eu lírico que compreende que a elevação da alma só é alcançada através de trabalho árduo, da luta para deixar o melhor de nós. O sujeito poético faz com pessoas que passam por dificuldades sociais se identifiquem com a poesia, sejam trabalhadores rurais, professores e, como é nosso objetivo mais próximo, alunos das escolas da zona oeste do Rio de Janeiro. Cora possibilita vislumbrar problemas a partir de sua poesia, quando a autorrepresentação do sujeito poético possibilita a empatia do leitor que encontra alguém que passou também por dificuldades.

O eu lírico possibilita observar como o comportamento do passado reflete no presente: as experiências expostas na poesia de Cora possibilitam acessar uma memória histórica e cultural. Esse mapa das memórias de Cora possibilita ensinar sobre a história de Goiás. Logo, está presente a interdisciplinaridade em seus textos: não é preciso imaginar o período histórico, a poesia faz isso por conta própria. Como assinalam os PCN,

A interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e ao mesmo tempo evitar a diluição das mesmas em generalidades. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar as disciplinas em atividades ou projetos de estudos, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos do ensino (PCN, 1998, p. 67).

Essa poesia nos permite perceber outra marca registrada dessa poetisa, que é o uso de metáforas, como a metáfora da “mulher-semente”. A poesia cresce pela terra, germina pela terra, mas germina principalmente dentro da alma. A figura da mulher-semente serve como metáfora para ilustrar a vida de uma mulher interiorana da cidade de Goiás. Essa metáfora é um caminho importante para a autorrepresentação e deve ser trabalhada e expandida nas aulas interpretativas para alcançar significados de acordo com os contextos dos leitores.

4. Conclusões

Com essa pequena demonstração da possibilidade de aliar vida e texto, oferecendo para as aulas de literatura, especificamente com o trabalho com a poesia, a indicação de que o dentro do texto é sempre impor-

tante quando aponta a direção de seus sentidos para o dentro da vida. O trabalho teórico-crítico que fundamenta a prática docente deve ser selecionado, como procurarmos fazer, dentro das condições de tornar a leitura em sala de aula um ato formador e transformador. Assim, é possível conciliar o que sempre tem sido deixado em segundo plano nas nossas práticas interpretativas na escola: a aliança entre a teorização do poético e a formação do leitor, além da ocultação das dimensões sensíveis, estéticas e específicas da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34/Dias Cidades, 2003.

COSTA LIMA, L. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FISH, Stanley. Como reconhecer um poema ao vê-lo. Trad.: Sonia. Moreira. *Palavra: Revista do Departamento de Letras da PUC-Rio*, n. 1, p. 156-165, 1993.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1998.

PCN: Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 03-03-2013.

PNLD: Plano nacional do livro didático de língua portuguesa. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnldapres07.pdf>>. Acesso em: 05-03-2013.